

UM COP MEIO VAZIO



Qualidade Devida Luísa Schmidt

sociedade@expresso.imprensa.pt

Parece que já lá vai, mas de novo a pandemia vem relançar a urgência de combater as crises todas em conjunto porque todas são globais. Quanto à climática, perante a raiva de muitos e a frustração de quase todos, encerrou-se em meados do mês passado a 26ª edição da conferência internacional que reúne as partes interessadas dos problemas climáticos, ou seja, toda a gente.

Os dias de Glasgow tiveram algo de Commedia dell'arte. Reviravoltas burlescas, revelações súbitas e o enredo, esse, é sempre o mesmo: alguém é traído no final. E no caso da COP26 fomos todos nós.

Entretanto, três coisas surgem mais claras no rescaldo do acontecimento: o processo, a

transição energética, o sentido da responsabilidade.

Começando pelo processo, por mais frustrantes que as COP possam ser, é sempre melhor que existam. O mundo falou dos problemas, aumentou o reconhecimento público da gravidade e da urgência dos problemas à luz de novos dados científicos, e ganharam-se conquistas preciosas entre os decisores do mundo, aumentando a aproximação entre ciência e política. Foi pouco, mas não foi andar para trás.

Para mais, assumiu-se a decisão de manter em atividade estruturas negociais internacionais para garantir o avanço da implementação das decisões.

A síntese do pouco que se alcançou não deixa de marcar alguma esperança. É o caso do compromisso de mais de 100 países em acabarem com a desflorestação até 2030 com compensações já aprovadas para tal.

O segundo aspeto importante desta COP está no plano de convergência quanto à transição energética. Apesar da desgraça da substituição da palavra 'fim' pela expressão 'ir acabando' imposta por alguns países, com Índia e China à cabeça, quanto ao uso do carvão, a verdade é

que ninguém duvida já de que vamos deixar de queimar carvão mais cedo do que tarde. O mesmo acontecerá ao petróleo em larga escala, com compromissos já alcançados na COP por vários países de encerrar novos licenciamentos para a sua exploração e produção. Quanto à fissão nuclear, ficou assumido que não é alternativa aos combustíveis fósseis.

Por fim, a COP deu passos limitados, mas mesmo assim em

Por mais frustrantes que as COP possam ser, é sempre melhor que existam. Foi pouco, mas não foi andar para trás

frente, na questão fundamental da responsabilidade. Desta vez não há apenas declarações eloquentes e hipócritas sobre o abismo que separa a condição de vida e de consumo das sociedades do Norte das do Sul Global. Os resultados estão dramaticamente à vista, e são a tal ponto claros que já ninguém duvida que nesta crise, como em muitas outras, incluindo obviamente a pandémica, ou nos salvamos todos ou não se salva ninguém.

De Glasgow saiu assim um pequenino avanço: o valor dos montantes a despendar em adaptação e mitigação nos países mais vulneráveis que já havia sido acordado anteriormente, manteve-se nos 100 mil milhões de dólares por ano, agora a começar em 2022 (espera-se!), mas criou-se um mecanismo de regras e procedimentos para o tornar efetivo, transparente e fiscalizável.

Ainda dois outros aspetos a destacar: por um lado, o papel crucial das cidades e/ou governos locais, muitos deles mais empenhados e avançados na mitigação e adaptação às alterações climáticas do que os próprios países; por outro lado, o brilho dos movimentos sociais cívicos, particularmente juvenis, que não têm desarmado do combate onde se joga não só a sua própria sobrevivência como também a nossa e a do futuro do planeta.

Temos, pois, pouco, mas alguma coisa vinda de Glasgow. Mas temos sobretudo algo da maior importância: 365 dias de trabalho sem tréguas para conseguir que a COP27 nos salve face ao que não fomos capazes até agora de fazer.